

### *Atenção Básica*

#### **RODINHAS DE CONVERSA E SAÚDE MENTAL INFANTIL: DISPOSITIVO DE ACOLHIMENTO PARA CRIANÇAS E FAMILIARES NA ATENÇÃO BÁSICA**

Allana Rodrigues Alaion 1, Iara Bega De Paiva 1, Everton Lopes Rodrigues 1, Renato Rodolfo Pastorello 1

1 SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE GUARUJÁ - SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE GUARUJÁ

#### **INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA**

A partir da implantação do NASF no Guarujá, tornou-se possível problematizar, dentro das unidades de saúde acompanhadas, qual o lugar destinado para as questões de Saúde Mental Infantil na Atenção Básica do município. Assim, em abril de 2016, iniciou-se a construção de um dispositivo de acolhimento e acompanhamento às crianças e suas famílias, espaço denominado “rodinha de conversa”. O presente trabalho visa relatar a experiência de implantação desse espaço nas 4 unidades de saúde acompanhadas pela equipe do NASF A em 2016

Em julho de 2015, o município do Guarujá implantou 3 equipes de NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família) do tipo 2, que são conhecidas por A, B e C de acordo com seu território; a experiência aqui relatada será do NASF A, que apoia 4 USAFAs (Unidades de Saúde da Família). À medida que a equipe do NASF se apropriava das demandas dos territórios, se constituía enquanto grupo e estreitava as relações com as equipes acompanhadas, propostas de intervenções puderam ser discutidas como necessárias e/ou viáveis para cada unidade. A elaboração de um espaço de acolhimento para questões de Saúde Mental Infantil foi uma delas. Observamos que não havia nas unidades espaço específico destinado ao acolhimento e acompanhamento dessas questões. Os espaços existentes, da forma como estavam organizados, não proporcionavam um lugar de acolhimento pertinente à demanda trazida pelas famílias, tampouco favorecia que as crianças pudessem se manifestar a respeito do que era trazido sobre elas. Esses casos raramente chegavam até a equipe de NASF, sendo direcionados na própria consulta médica para o neurologista ou CAPS Infantil de acordo com a queixa ou não tinham continuidade de acompanhamento. Reproduzia-se, assim, o silenciamento das crianças e suas questões. A partir dessa percepção, iniciou-se em abril de 2016 a construção de um dispositivo de acolhimento para Saúde Mental Infantil nas USAFAs acompanhadas pelo NASF A (em expansão nas outras 2 equipes), denominado de “rodinha de conversa” e que será apresentado neste trabalho.

#### **OBJETIVOS**

Proporcionar um espaço de acolhimento para questões referentes à temática da Saúde Mental Infantil na Atenção Básica (AB), levando em consideração que o trabalho com crianças difere do trabalho com adultos seja pela problemática quanto pela abordagem utilizada (trabalho lúdico e com as famílias) e demanda um olhar especial para as questões referentes ao momento do desenvolvimento da criança. Tem como objetivo poder triar e acolher as demandas de Saúde Mental Infantil que muitas vezes ficavam polarizadas entre encaminhamentos para Neurologista e CAPS infantil, mas não possuíam um olhar específico na AB que trabalhasse com a criança, família, escola e comunidade na compreensão do sofrimento psíquico infantil.

## METODOLOGIA

As rodinhas de conversas constituíram-se como um grupo de acolhimento e acompanhamento, tanto para demanda espontânea quanto para os casos direcionados pela própria equipe ou encaminhados de outros serviços da saúde ou não, com encontros semanais de aproximadamente uma hora, sendo intercalado um dia de acolhimento para responsáveis e outro para crianças, ou seja, quinzenalmente ocorre o grupo de pais e quinzenalmente o grupo de crianças, de modo que ambos sejam acompanhados em suas questões. Os grupos foram organizados separadamente para que os encontros não se tornem um espaço em que as crianças sejam expostas por seus responsáveis diante de outros adultos, quando estes relatam as questões que as crianças têm apresentado e que os adultos procuram solução. As crianças necessitam de um espaço acolhedor e lúdico para expressarem-se conforme seu desenvolvimento emocional e psíquico, através da produção de materiais gráficos (desenhos) e de brincadeiras. Observamos a necessidade de que os adultos responsáveis por estas crianças também tenham um espaço de acolhimento para suas questões enquanto responsáveis e cuidadores, podendo ser ouvidos, acolhidos e orientados no desenvolvimento e exercício do cuidado com suas crianças. Um espaço de troca sobre cuidar e educar: os desafios, as dúvidas, as angústias, as surpresas.

## RESULTADOS

Ao longo do ano de 2016, nas 4 USAFAs acompanhadas pelo NASF A, foram atendidas 76 crianças e suas famílias nas rodinhas de conversa. Essas crianças chegaram até a rodinha por diferentes caminhos, que agrupamos como: encaminhamento escolar - 28; livre demanda - 22; encaminhamento por outros serviços da rede - 14; e indicação da própria unidade de saúde - 12. Desse total, foram realizados encaminhamentos para avaliação e acompanhamento no CAPS Infantil (9) e para avaliação neurológica (4). Houve apenas 1 caso de redirecionamento para acompanhamento na USAFA mais próxima de sua residência. Em relação a demanda, notamos que a maioria das queixas sobre as crianças diziam respeito a dificuldade de aprendizagem/concentração e comportamento. Apesar das escolas municipais contarem com uma equipe específica de apoio psicopedagógico para as queixas escolares, as instituições encaminham seus alunos diretamente para à saúde sem que os casos sejam discutidos com esta equipe. Observamos também o crescente número de crianças direcionadas à saúde para avaliação de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). No que diz respeito ao trabalho com os responsáveis, a participação majoritária nos grupos era de mulheres (mães, avós e tias), nos colocando em constante discussão com esse coletivo sobre questões relativas ao papel construído da mulher como responsável pelo cuidado e suas implicações (Carvalho et al, 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, temos ampliado a discussão dentro e a partir da AB com outros pontos da rede sobre infância, desenvolvimento e cuidado, problematizando com a própria família que questões são essas ditas sobre suas crianças dentro de certos espaços. O que esperamos das crianças e o que estamos proporcionando à elas? Em que medida nossas práticas aproximam-se ou distanciam-se do silenciamento e medicalização da infância? Que outros espaços as crianças podem habitar dentro do município para além de diagnósticos e instituições fechadas?